

**EVOLUÇÕES FONÉTICO-FONOLÓGICAS  
DAS VOGAIS PORTUGUESAS<sup>13</sup>**

*Eliane da Rosa (UFRGS)*  
[elianedr19@gmail.com](mailto:elianedr19@gmail.com)

**RESUMO**

Como as línguas são sistemas complexos e dinâmicos, estas acabam sofrendo variações e mudanças com o passar dos tempos. O sistema fonético e fonológico de uma língua, por exemplo, pode sofrer diversas modificações ao longo dos séculos porque seus falantes precisam adaptar, modificar os sons conforme suas necessidades comunicativas ou em virtude de contatos linguísticos com a língua de outros povos. Apesar de sofrerem variações ou mudanças, os sons de uma língua continuam mantendo um sistema organizado e oferecendo aos seus falantes os recursos necessários para a circulação dos significados (FARACO, 2005). As mudanças não são rápidas e nem abruptas, elas são lentas e graduais, e, por isso não causam nenhum prejuízo à estrutura da língua. Diante disso, o presente estudo busca descrever e explicar a trajetória evolutiva do sistema fonético-fonológico da língua portuguesa desde a sua origem até os dias atuais.

**Palavras-chave:** Fonologia. Fonética. Vogais portuguesas. Evolução.

**1. O percurso evolutivo das vogais portuguesas**

De acordo com os estudiosos da língua portuguesa, o sistema vocálico do latim era composto por um sistema triangular de 05 vogais, no qual havia uma vogal central baixa /a/; duas vogais anteriores: uma média /e/ e outra alta /i/; e duas vogais posteriores arredondadas: uma média /o/ e outra alta /u/ (CÂMARA, 1975; CARDEIRA, 2006; CASTRO, 1991; NUNES, 1975; PEREIRA, 1935).

Conforme a quantidade, ou duração vocálica, as vogais podiam ser longas ou breves, perfazendo, assim, um total de 10 fonemas. As vogais longas recebiam o sinal diacrítico macron ( ¯ ) e as vogais breves recebiam o sinal bráquia ( ˇ ). Nesse sentido, o sistema vocálico do latim clássico pode ser representado da seguinte forma:

---

<sup>13</sup> Este artigo é uma adaptação da dissertação de mestrado *As vogais médias átonas finais no português brasileiro do século XIX: um estudo baseado em fontes de evidência direta e indireta* (ROSA, 2015).

(1) *Sistema vocálico do latim clássico*

/ī/	/ū/
/ī/	/ū/
/ē/	/ō/
/ē/	/ō/
	/ā/
	/ā/

No sistema vocálico latino, a quantidade tinha uma função distintiva (CARDEIRA, 2006), ou seja, servia para distinguir palavras da mesma classe ou de diferentes classes (*mālum* = maçã / *mālum* = mau), e para distinguir as diferentes funções gramaticais de uma palavra (*fructūs* → nominativo; *fructūs* → genitivo), por exemplo. No entanto, em meados do século III (VASCONCELLOS, 1911; NUNES, 1975; CASTRO, 1991; CARDEIRA, 2006), com a evolução do latim clássico para o latim vulgar, o sistema vocálico acabou perdendo a distinção de quantidade, ou duração vocálica, passando a distinguir apenas a oposição de timbre, isto é, de abertura vocálica.

Embora não haja unanimidade de opiniões a esse respeito, o acento latino era provavelmente, no início, um acento melódico, baseado na diferença de altura entre a vogal acentuada (mais aguda) e as vogais não acentuadas (mais graves). Um e outras podiam ser longas ou breves... Mas este acento melódico, baseado na frequência, cedeu lugar a um acento baseado na energia expiratória, ou seja, um acento de intensidade (CASTRO, 1991, p. 116).

De acordo com Câmara Jr (1975), a eliminação da quantidade e a consequente intensificação do acento estabeleceram três quadros diversos para as vogais: *tônicas*, *pretônicas* e *átonas finais*. O sistema de dez fonemas reduziu-se, então, para sete na posição tônica (CÂMARA JR, 1975; TEYSSIER, 2014), como demonstra (3):

(2) *Transformações das vogais tônicas do latim clássico para o latim vulgar*<sup>14</sup>

<u>Latim Clássico</u>	>	<u>Latim Vulgar</u>
ī	>	i
ī, ē	>	e
ē	>	e
ā, ā	>	a
ō	>	o
ō, ū	>	o
ū	>	u

<sup>14</sup> Os símbolos /e/, /o/, /e/, /o/ correspondem às vogais /e/, /o/, /ɛ/, /ɔ/, respectivamente, na representação do *International Phonetic Association* (IPA) (FONTE, 2010).

Em decorrência dessa mudança, as vogais longas passaram a apresentar um timbre fechado, enquanto as breves passaram a ter um timbre mais aberto (CARDEIRA, 2006). Em outras palavras, as vogais tônicas passaram a ser longas e tensas e as átonas, breves, e as distinções entre palavras deixaram de existir. Conforme Nunes (1975, p. 41), essa redução do quadro vocálico foi mais longe atingindo as vogais que:

[...] não eram tônicas, pois no interior da palavra os *e* e *o*, quer abertos, quer fechados, passaram a mudos e no fim os *i* e *u* longos tiveram a mesma sorte, isto é, as sete vogais do latim vulgar reduziram-se a cinco, quando átonas-internas, e a três, quando átonas-finais.

No que diz respeito às vogais átonas finais, estas, com o passar do tempo, acabaram sofrendo supressões: o <*e*> foi elidido depois de consoante suscetível de formar sílaba com a vogal antecedente: *sole* > *sol*, *cantare* > *cantar* (VASCONCELLOS, 1911).

Desde a sua implantação em solo ibérico, o latim vulgar passou por inúmeras transformações que culminaram na formação do romance. Este, no decurso do tempo, devido aos contatos linguísticos com os dialetos de outros povos, acabou sofrendo transformações que resultaram na formação do galego-português. Para Teyssier (2014, p. 15),

É durante o período que se segue à invasão muçulmana (711) que vão aparecer outras inovações específicas de que resultará o isolamento dos falares do Noroeste da Península, não apenas dos seus vizinhos do Leste, leonês e castelhano, mas também dos dialetos moçárabes que se desenvolvem no Sul. Surgirá, assim, nos séculos IX a XII, o galego-português, cujos primeiros textos escritos aparecerão somente no século XIII.

No galego-português, o quadro do sistema vocálico permaneceu semelhante ao do latim vulgar em posição tônica (TEYSSIER, 2014). Desse modo, o quadro de evolução do sistema vocálico do latim vulgar para o do galego-português pode ser representado da seguinte forma:

(3) *Transformações das vogais tônicas do latim vulgar para o galego-português*

<u>Latim Vulgar</u>		<u>Galego-português</u>
i	>	i
u	>	u
e	>	e
o	>	o
ē	>	e
ō	>	o
a	>	a

Em posição pretônica e postônica não final, as oposições entre /e/ e /ẽ/ e entre /o/ e /õ/ desapareceram, reduzindo-se o quadro de sete para

cinco vogais (TEYSSIER, 2014), segundo o esquema abaixo:

(4) *Sistema vocálico pretônico e postônico não final em galego-português:*

/i/                      /u/  
/e/                      /o/  
/a/

Em posição átona final, Teyssier (2014) afirma que o quadro vocálico fora reduzido para quatro fonemas, como mostra o esquema abaixo:

(5) *Sistema vocálico átono final em galego-português*

(i)  
/e/                      /o/  
/a/

Para o autor (*op. cit.*), a prova da existência de um fonema /i/ átono final reside no fato de ser possível encontrar, em textos galego-portugueses mais antigos, formas sendo grafadas com <i> em posição de final de palavra. Segundo este estudioso, a grafia de <i>:

Encontra-se nos imperativos do tipo *vendi, parti*; nas primeiras pessoas do singular dos perfeitos fortes; ex.: *estivi, pudi*; nas segundas pessoas do singular de todos os perfeitos; ex.: *cantasti, partisti*; e em certas palavras como *longi, viinti, eiri* (“ontem”). Mas, no início do século XIV, todas essas formas apresentam um -e final: *vende, parte, estive, pude, cantaste, partiste*. O sistema reduz-se, então, aos três fonemas representados pelas letras -e, -a, -o (TEYSSIER, 2014, p. 30).

Quanto ao fonema /u/, Teyssier (2014, p. 30-31) ressalta que há duas hipóteses sobre sua existência: a primeira sugere que a grafia em <u> pode ser um indício da pronúncia [u] nos átonos finais que atualmente escrevemos com <o>; e a segunda diz que a grafia com <u> não passa de latinismos ou de uma maneira de representar um timbre muito fechado de <o> em posição de final de palavra.

Maia (1986, p. 523) entende que:

Desde muito cedo, /i/ e /e/ finais se fundiram num único fonema [...] desde o século XIII algumas palavras que terminavam em *i* proveniente de /i/ passam a ocorrer também com *e*. O fonema resultante dessa fusão dos dois fonemas admitiria diferentes realizações fonéticas, ora [e], ora [i], ora timbres intermediários.

Com relação a vogal /o/, a autora (*op. cit.*) relata que havia uma variação na pronúncia da vogal média posterior átona final, isto é, a vo-

gal /o/ poderia ser realizada tanto como [u] quanto como [o] no galego-português. Com base nos testemunhos de Teyssier e Maia, percebe-se que as vogais médias átonas finais davam sinais de estar sofrendo um processo de elevação no galego-português.

Após tornar-se um reino independente em meados do século XII e com a conseqüente separação da região da Galícia, Portugal começou aos poucos expandir seus domínios em direção ao Sul da Península Ibérica. Como resultado disso, o português foi gradativamente se distanciando do galego e se misturando cada vez mais aos dialetos moçárabes do Sul. Como era de se esperar, novas transformações linguísticas ocorreram com o galego-português a ponto de culminar na formação de uma nova língua: o português. Neste, o sistema vocálico, em posição tônica, permaneceu com o mesmo quadro das sete vogais do galego-português (CASTRO, 1991; SILVA NETO, 1992), conforme ilustra o esquema abaixo:

(6) *Transformações das Vogais Tônicas do Galego-português para o Português:*

<u>Galego-português</u>		<u>Português</u>
i	>	i
u	>	u
e	>	e
o	>	o
ɛ	>	ɛ
ɔ	>	ɔ
a	>	a

Teyssier (2014) considera que nesta época o sistema era composto por oito fonemas, incluindo o fonema /ä/ em posição tônica. Diferentemente de Teyssier, Castro (1991) e Silva Neto 1992 consideram a vogal [a] como um alofone do fonema /a/. Isto demonstra que não há um consenso entre os estudiosos quanto ao número de fonemas em posição tônica nesta época. Enquanto que, em relação à posição pretônica, Castro (1991) e Teyssier (2014) concordam que o sistema era composto por oito fonemas, como mostra (8):

(7) *Sistema Vocálico Pretônico em Português:*

/i/		/u/
/e/		/o/
	/ä/	
/ɛ/		/ɔ/
	/a/	

Quanto à posição átona final, as divergências surgem novamente

entre os estudiosos, conforme se verifica no **Quadro 1**:

Sistema Vocálico Átono Final (TEYSSIER, 2014)	Sistema Vocálico Átono Final (CASTRO, 1991; SILVA NETO, 1992)	Sistema Vocálico Átono Final <sup>15</sup> (MATTOS E SILVA, 2013)
[ɐ]	[i]	[e] / [e] ~ [i]
[o]	[u]	[o] / [o] ~ [u]
[ä]	[a]	[a]

**Quadro 1.**

**Comparação do sistema vocálico átono final do PE antigo segundo alguns autores**

Levando em consideração os dados do **Quadro 1**, percebe-se que as vogais átonas finais se encontravam em um estágio de variação no português arcaico, podendo ser realizadas como vogais médias ou como vogais altas.

De acordo com Silva Neto (1992, p. 483), há poucas evidências no que se refere ao fenômeno de elevação das vogais médias átonas finais no português quinhentista. Com relação à realização da vogal /o/ > [u], o autor cita que existem três provas da atuação deste fenômeno: a primeira seria o testemunho de gramáticos; a segunda seria a existência de grafias fonéticas do tipo *sapatu* (por *sapato*); e a terceira seria a dos falares ultramarinos, cuja base é o português do século XVI, apresentarem a realização de /o/ > [u]. No que diz respeito à realização da vogal /e/ > [i], Silva Neto (1992, p. 483) menciona que [i] é a pronúncia que se encontra nas regiões dos Açores, em territórios ultramarinos, no Sul, (Algarve e Alentejo) e no Norte (Entre-Douro-e-Minho) das terras lusitanas. “Essa distribuição geográfica atual leva-nos a crer que outrora a pronúncia de -e final era -i em todo ou quase todo o território de Portugal” (SILVA NETO, 1992, p. 483).

Com relação ao sistema vocálico do português brasileiro atual, Câmara Jr (2013) afirma que, em posição tônica, o quadro vocálico conservou as mesmas características do sistema de sete vogais trazidos pelos colonizadores portugueses do século XVI, conforme demonstra o esquema abaixo:

<sup>15</sup> As vogais médias átonas finais oscilavam entre [e] / [e] ~ [i], e [o] / [o] ~ [u], mas nunca chegavam a um alteamento completo (MATTOS E SILVA, 2013, p. 57-58).



(11) Sistema Vocálico Átono no Português Brasileiro

/i/                      /u/  
/a/

Essa gradual elevação da vogal média (/e/ > /e/ > /i/; /o/ > /o/ > /u/) ocorre em razão do grau de enfraquecimento da sílaba: as pretônicas são menos fortes do que as tônicas, enquanto as átonas postônicas são as mais fracas. Assim, em consequência disso, o quadro pretônico fica reduzido a cinco vogais, enquanto o quadro átono final fica com um sistema de três vogais. Como os valores forte/fraco provêm da atribuição do acento primário, o processo tem por domínio a palavra prosódica (BISOL, 2003). De acordo com Câmara Jr (2010, p. 28), é a posição tônica que nos dá em sua nitidez e plenitude os traços distintivos vocálicos, ao passo que as posições átonas favorecem o que se chama na teoria fonêmica de neutralização.

No que se refere à diferença de vocalismo entre o português brasileiro e o europeu, Câmara Jr (2010) menciona que é nas posições átonas que se evidencia tal diferença. Nos quadros a seguir, é possível verificar as diferenças encontradas entre o sistema vocálico átono do português europeu e o do brasileiro nos dias atuais:

SISTEMA VOCÁLICO PRETÔNICO	
PE	PB
mirar > m[i]rar	mirar > m[i]rar
morar > m[u]rar	morar > m[o]rar
murar > m[u]rar	murar > m[u]rar
pagar > p[ɐ]gar	pagar > p[a]gar
pegar > p[i]gar	pegar > p[e]gar

**Quadro 2. Diferença entre o sistema pretônico do PE e do PB (MATEUS; D'ANDRADE, 2003)**

SISTEMA VOCÁLICO POSTÔNICO NÃO FINAL	
PE	PB
dúvida > dúv[i]da	dúvida > dúv[i]da
pérola > pér[u]la	pérola > pér[u]la
báculo > bác[u]lo	báculo > bác[u]lo
ágape > ág[ɐ]pe	ágape > ág[a]pe
cérebro > cér[i]bro	cérebro > cér[e]bro

**Quadro 3. Diferença entre o sistema postônico não final do PE e do PB (MATEUS; D'ANDRADE, 2003)**



SISTEMA VOCÁLICO ÁTONO FINAL	
PE	PB
júri > jú[r]i	júri > jú[r]i
jure > jur[i]	jure > jur[i]
juro > jur[u]	juro > jur[u]
jura > jur[ɐ]	jura > jur[ɐ] <sup>17</sup>

**Quadro 4. Diferença entre o sistema átono final do PE e do PB (MATEUS; D'ANDRADE, 2003).**

Tendo em vista os dados expostos nos **Quadros 2, 3 e 4**, pode-se verificar que o português europeu, no nível fonético, apresenta o mesmo conjunto de quatro vogais [i, u, ɐ, i] em todas as posições átonas: pretônica, postônica não final e átona final. Enquanto o português brasileiro, no nível fonético, exibe um conjunto de cinco vogais [i, o, u, a, ɐ] na posição pretônica, de quatro vogais [i, u, a, ɐ] na posição postônica não final, e de três vogais [i, u, ɐ] na posição átona final.

Dessa forma, com base nos dados de Mateus e D'Andrade (2003), nota-se que, em posição átona final, a diferença entre os dois sistemas vocálicos reside no fato de o português brasileiro não produzir /e/ como vogal alta centralizada [i]. Todavia é relevante mencionar que, no PE coloquial, as vogais átonas finais sofrem um processo de elisão em final de palavra (MATEUS; D'ANDRADE, 2003; AZEVEDO, 2005). Segundo Azevedo (2005, p. 39):

In EP unstressed vowels tend to be shortened, compressed, or eliminated altogether, which imparts an overall consonantal character to pronunciation. This is a major difference from BP, which mostly pronounces unstressed vowels rather clearly, although there are exceptions, such as Mineiro, which tends to slur and eliminate those vowels in word-final position.

Com base neste relato de Azevedo (2005), observa-se que a variedade mineira tem apresentado a mesma tendência do português europeu em elidir as vogais em contexto átono final. Nesse sentido, poder-se-ia levantar a hipótese de que ambas as línguas poderiam estar seguindo a mesma deriva.,

Quanto à evolução da vogal átona final /e/ > [i] > [i] ser um fenômeno exclusivo do português europeu, Cardeira (2006) afirma que a conservação vocálica de [i] no português brasileiro ao invés de [i] possi-

---

<sup>17</sup> De acordo com Mateus e D'Andrade (2003, p. 18), [ɐ] somente ocorre, no português brasileiro, em posição átona final.

bilita levantar a hipótese de que essa centralização se efetuou em Portugal numa época posterior à fixação da língua no Brasil.

No que se refere à realização da vogal /o/ > [u] nos dados de Mateus e D'Andrade (2003), nota-se que o fenômeno de elevação da vogal média posterior átona final atua tanto no português brasileiro quanto no português europeu, nos dias de hoje.

## 2. *Considerações finais*

Levando em consideração as informações expostas neste estudo, pode-se dizer que o sistema vocálico do português brasileiro seguiu um curso evolutivo diferente daquele seguido pelo sistema vocálico europeu. Provavelmente, isto se deva ao fato de o português implantado no Brasil ter sofrido influências linguísticas diferentes daquelas sofridas pelo português na Europa. Contudo, é interessante destacar que no português brasileiro, mais precisamente no dialeto mineiro, notam-se indícios de as vogais médias átonas finais estarem sofrendo o mesmo processo de elisão que ocorre com as mesmas vogais no português europeu. Diante disso, pode-se levantar a hipótese de que o português brasileiro pode estar seguindo a mesma deriva do português europeu.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALI, Manuel Said. *Grammatica historica da lingua portugueza*. 2. ed. São Paulo: Companhia de Melhoramentos de São Paulo, 1921.

AZEVEDO, Milton Mariano. *Portuguese: a linguistic introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BISOL, Leda. A neutralização das átonas. *Revista Letras*, n. 61, p. 273-283, 2003. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/letras/article/view/2891>. Acesso em: 20-12-2014.

\_\_\_\_\_. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 5. ed. Porto Alegre: EdiPucrs, 2010.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. Ele como um acusativo no português do Brasil. In: *Dispensos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972. p. 47-54.

\_\_\_\_\_. *Estrutura da língua portuguesa*. 45. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Pa-  
drão, 1975.

\_\_\_\_\_. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. *Problemas de linguística descritiva*. 20. ed. Petrópolis: Vozes,  
2010.

CARDEIRA, Esperança. *O essencial sobre a história do português*. Lis-  
boa: Caminho, 2006.

CARVALHO, Maria José. On the origin of the final unstressed [i] in  
Brazilian and other varieties of Portuguese: new evidence in an enduring  
debate. In: FORTESCUE, Michael D. *et al. Historical linguistics 2003*.  
Amsterdam/Philadelphia: Johns Benjamins Publishing, 2005.

CARVALHO, José G. Herculano de. Nota sobre o vocalismo antigo por-  
tuguês: valor dos grafemas e e o em sílaba átona. In: \_\_\_\_\_. *Estudos lin-  
guísticos*, vol. 2. Coimbra: Coimbra Editora, 1984.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São  
Paulo: Contexto, 2010.

CASTRO, Ivo. *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa: Univer-  
sidade Aberta, 1991.

\_\_\_\_\_. *Introdução à história do português*. 2. ed. Lisboa: Colibri, 2011.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Im-  
perial Novo Milênio, 2011.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Gramática do português contempo-  
râneo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao es-  
tudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.

FONTE, Juliana Simões. *O sistema vocálico do português arcaico visto  
a partir das Cantigas de Santa Maria*. 2010. Dissertação (Mestrado em  
Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Uni-  
versidade Estadual Paulista. Araraquara.

HART, Thomas. Notes on sixteenth-century Portuguese pronunciation.  
*Word*, 11, p. 404-415, 1955.

- ILARI, Rodolfo. *Linguística românica*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- LEÃO, Duarte Nunes de. *Origem da lingua portuguesa*. Lisboa: Impreso por Pedro Crasbeeck, 1606.
- MAIA, Clarinda de Azevedo. *História do galego-português: estado linguístico da galiza e do noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.
- MARQUILHAS, Rita. Mudança analógica e elevação das vogais pretônicas. In: CASTRO, Ivo; DUARTE, Inês (Orgs.). *Razões e emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003, p. 7-18.
- MATEUS, Maria Helena; D'ANDRADE, Ernesto. *The phonology of portuguese*. New York: Oxford University Press, 2003.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- NARO, Anthony Julius. A história do *e* e do *o* em português: um estudo de deriva linguística. In: NARO, Anthony Julius. *Estudos diacrônicos*. Trad.: Lais Campos e Katia Elizabeth Santos. Petrópolis: Vozes, 1973.
- NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia*. 8. ed. Lisboa: Clássica, 1975.
- PAIVA, Maria Helena. Variação e mudança no vocalismo átono quinzentista: práticas escriturais e juízos normativos. *Linguística*, vol. 4, p. 85-110, 2009. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7678.pdf>>. Acesso em: 10-01-2015.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica historica*. 9. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1935.
- ROSA, Eliane da. *As vogais médias átonas finais no português brasileiro do século XIX: um estudo baseado em fontes de evidência direta e indireta*. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras). – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- SÁ, Fellipe Franco de. *A lingua portugueza*. Maranhão: Imp. Oficial, 1915.
- SILVA, José Pereira da. Português do século XVI e século XVII. *Organon*, Porto Alegre, nº 44/45, p. 61-73, 2008.

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. 6. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1992.

SILVA, Thaís Cristóforo. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

SOROMENHO, A. *Origem da língua portuguesa*. Lisboa: Typ. de Francisco José da Silva. 1867.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Trad.: Celso Cunha. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014

TRUBETZKOY, Nikolai Sergueevitch. *Principles of phonology*. Translation of Christiane A. M. Baltaxe. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1971.

VASCONCELLOS, J. Leite de. História da língua portuguesa: origem e vida externa. *Revista Lusitana*, vol. XXV, n. 1-4, p. 5-28, 1923-1925.

\_\_\_\_\_. *Lições de philologia portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora de E. M. A. TEIXEIRA & C.<sup>ta</sup>, 1911.

VIANA, Aniceto dos Reis Gonçalves. *Ortografia nacional: simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas*. Lisboa: Livraria Editora Viuva Tavares Cardoso, 1904.

WILLIAMS, Edwin Bucher. *Do latim ao português: fonologia e morfologia histórica da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.